uma frase e julgava que a única maneira de suportar a vida seria precipitar-se na Literatura como uma orgia sem fim. A forma, ou o aspecto apolíneo, ou escultural, nada vale sem o conteúdo. Em todos os casos, o valor da cousa criada encontra-se na alma, luz intemporal a conduzir o corpo. E na Literatura a alma repousa nas fontes resplendentes da beleza, de onde nasce a visão de tudo o que é mítico e sagrado, ou se alimenta do eterno, como nos alimentamos de esperança.

E não é por outro motivo que louvamos e amamos Rachel de Queiroz em seu incessante trabalho de restaurar caminhos e pontes do mundo e na vida, sobretudo através da força invulgar de seus romances, que emergem, como gritos e murmúrios, da grande alma nordestina e se universalizam através de temas profundos e humanos, que ferem a nossa sensibilidade. E faz tudo isso sem desfigurar sua obra com engajamentos subalternos ou subserviências injustificáveis.

Literatura é literatura. Política é outra cousa. E nenhuma deve estar a serviço da outra, embora ambas tenham como centro o homem. Em diferentes cosmovisões.

Rachel, possuindo, como possui, exata consciência do fazer artístico, utiliza a Literatura - Deus sejs louvado! - como um instrumento de compreensão, de amor, de verdade, e de justiça, qual pequeno sol que iluminasse as letras do Ceará e do Brasil.

Por tudo isso, nós nos encantamos com suas criações, de O Quinze ao Memorial de Maria Moura, com um certo tonus dostoievskiano em muitos de seus personagens, que revelam as singularidades nordestinas do Homo Brasiliensis. Mas essa legitimidade nasce de seu talento e de sua vocação romanesca e decorre do conhecimento que ela tem do fenômeno literário, que guarda muito de Sísifo e Pigmalião, sendo, a um só tempo, cantochão, acalanto, sinfonia, solitária retreta, memória insubmissa, catábase, viagem, exílio, pássaros feridos a sangrar sobre as tardes, ou rosas desmaiadas no entressono de todos os crepúsculos. Os romances não são apenas personagens falando, amando, lutando e sofrendo. São elementos mágicos e escantatórios, cemitérios marinhos, olarins ao longe, passarelas no abismo, ou a terrível viuvez da noite. São retratos pendurados nas paredes do tempo, aqui ou em Pasárgada, às portas de Sião e de Alcácer Quibir, no Castelo de Duino, no Grande Sertão de Guimarães Rosa, na cidade de Alcântara, de Josué Montello, e na placidez rural de Quixadá, onde a fazenda "Não-me-deixes" é um ponto de luz. São tropéis nas madrugadas, apitos de trens, silêncios a doer, ou um cão a latir, ao longe, pela estrada por onde continuam a passar, pelo resto dos tempos, Chico Bento, Inácia, Vicente, João Miguel, Maria Moura e Dôra Doralina.

Parábola da vida, com um pouco do fluir dos fatos e do eterno descobrir das cousas e dos seres, o romance é o grande desafio vencido por Rachel de Queiroz, valendo mencionar, ainda, João Miguel, Caminho de Pedras e As Três Marias, as crônicas de As Menininhas e A Donzela e a Moura Torta, ou as peças de teatro e as narrativas infanto-juvenis, como é o caso de O Menino Mágico, premiado pela Câmara Brasileira do Livro. Nas horas vagas, traduziu Tolstoi, Balzac, Jane Austen, Santa Tereza de Jesus, Samuel Butler, Emily Brontê e outros nomes das letras universais. Ano passado, recebeu como reconhecimento de seus méritos, o Prêmio Camões, do Governo Português.

E por ser quem é, nas letras nacionais, foi eleita para a Cadeira nº 32, patrocinada pelo Cônego Ulisses Pennafort e até bem pouco ocupada por Moreira Campos, um dos maiores vultos da Literatura Cearense. E estamos certos de que saberá honrar e enaltecer a memória desse nosso inolvidável companheiro, que se projetou, por seu vigor criacional, como um dos mestres do conto tchekoviano e machadiano.

Dediquei a Moreira Campos – e dele se ocupará, com mais largueza, a nossa homenageada – uma amizade do irmão, desde os minutos iniciais do Grupo Clã, de que fomos fundadores. Sob as mesmas flâmulas, drapejando aos ventos dos sonhos, fomos a muitas guerras e aventuras, sobre ele brilhando sempre a luz do olhar de Zezé, Musa e estrela maior de sua vida.

Rachel, igualmente, dedicou-lhe muita estima e ninguém melhor que ela poderia ocupar-lhe a vaga, nesta Academia. E agora, com o poder e a glória de seu nome, vem sentar-se entre nós trazendo-nos as luzes de seu espírito sempre jovem e a serviço do Ceará, pois é certo que, enquanto pulsar seu generoso coração, haverá uma chama viva a iluminar a nossa terra nos caminhos da História.

Por tudo isso, ao saudá-la, no esplendor desta noite memorável, só posso dizer, profundamente comovido, para que Deus me ouça em Sua misericórdia infinita:

Glória a Rachel de Queiroz!

Glória à Academia, em cem anos de existência!

Glória eterna ao Ceará e à vocação espartana de seu grande povo! E que os pósteros falem desta noite não como uma simples festa, mas uma verdadeira aurora, já que, a partir de agora, outras perspectivas se abrirão, radiosas, para a cultura cearense, a que dedicaremos, Deo concedenti, todas as energias de nossa alma, para que o berço de Alencar, José Albano, Araripe Júnior, Farias Brito, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva, Capistrano de

Abreu e Gustavo Barroso mantenha sempre alta, diante do eterno, aquela legenda que Joaquim Nabuco, ao saber em Londres da libertação pioneira de seus escravos, lhe concedeu - Terra da Luz! Como presidente da Academia e um de seus eleitores mais fiéis, devo dizer-lhe, querida amiga, em nome de todos: bem-vinda seja! Mais do que as portas, os corações se abrem para recebê-la, nesta noite que a História registrará, por certo, como um dos nossos maiores acontecimentos culturais, ou a grande lâmpada erguida para brilhar sobre o centenário de nossa Academia, que vive, assim, o seu momento de maior grandeza, em todos os tempos. E por tudo isso.

Benedicamus Domino!

Lacto corde cantemus et in nomine Domini magno gaudio gaudeamus!

Alleluiah! Alleluiah!
Sit nomen Domini benedictum!
Gloria in excelsis! Alleluiah!

Discurso de Posse

Rachel de Queiroz

Já dá para mexer com a alma entrar como uma pessoa da família neste venerável palácio, que sempre foi o meu preferido, em meio às relíquias da nossa arquitetura, hoje tão lindamente restaurado, devolvidos os seus jardins, recuperada aquela escadaria dos leões que, desde os tempos de eu menina, já me fascinava.

E, agora, a grata presença de tantos rostos amigos nesta sala; e mais a saudade provocada pela ausência dos companheiros de geração, quase todos mortos. É esta, talvez, a maior praga da velhice: a perda dos contemporâneos queridos. A falta de reencontrá-los, as lembranças das conversas de café, ou do banco da praça, ou da mesa de redação, no jornal; as discussões veementes, políticas ou literárias, em que nos engalfinhávamos com tal empenho, que até dava a impressão de que se perderiam a pátria e o mundo, se não nos escutassem as opiniões.

Hoje, partidos eles, lá vai perdida a bela juventude, perdidas as petulantes certezas e as cumplicidades de geração. Mas disso tudo procurais me compensar esta noite, os já agora meus confrades da Academia Cearense de Letras, ao me receberdes nesta brilhante Companhia, na própria data em que se comemora o seu centenário.

E mais especialmente me tocou o requinte de carinho demonstrado ao me concederdes o acesso a esta especialíssima cadeira, número 32, cadeira que, até pouco tempo atrás, era ocupada pelo amigo fraternalmente amado, pelo escritor que eu considero um dos maiores entre os que, no Brasil, escrevem a nossa língua portuguesa: José Maria Moreira Campos. Zé Maria, como sempre o chamei, marido de Zezé, sua musa, pai de Natércia, que lhe prolonga nas letras a tradição de excelência. Obrigada por isso, companheiros.

Mas antes de começar a falar sobre a cadeira 32, queria contar aqui algo de importante que me aconteceu quarta-feira passada: levada pela mão do nosso Presidente, nosso Príncipe dos Poetas, Arthur Eduardo Benevides, para "conhecer a Casa", ou seja, a nova sede da Academia, ao passarmos pelo saguão de entrada, exposto na galeria de retratos de nossos antigos presidentes, dei com os olhos num rosto que eu não via há muito tempo- magro, sorridente, como aquela chispa de malícia ou ironia no olhar tão meu conhecido. Parei, profundamente comovida. Era a face de Antônio Sales

que eu estava vendo - meu mestre, meu guru, meu inesquecível padrinho literário. Era ele uma legenda viva nas rodas de escritores e poetas, naquele Ceará provinciano dos últimos anos da década de vinte. Aliás, legenda era ele também no Rio, cujos galarins recusara, como recusara uma poltrona na recém-fundada Academia Brasileira de Letras, sob a égide de Machado de Assis.

Sales escolhera viver recolhido à sua chácara do Alagadiço, com canteiros de dálias no jardim, e onde a gente não ousaria importuná-lo. Os literatos implumes, como nós, íamos pescá-lo no seu ponto de parada, na cidade, perto da Praça do Ferreira: a chapelaria Indiana, de uma sobrinha sua; de lá o conseguíamos levar ao café, quase sempre O Globo, onde, ao redor da mesa, lhe prestávamos o nosso culto de latria. Ouvíamos as suas lembranças do Rio mítico que ele conhecera, escutávamos fervorosamente alguma opinião ou conselho que nos desse, e só o largávamos quando ele tomava o seu bonde, de regresso à casa.

A mim, Antônio Sales dava uma atenção carinhosa; quis ler, sim senhor quis ler! as minhas primeiras tentativas de ficção. Fez com que me afeiçoasse aos clássicos, vendo que eu me dispersava por leituras de pouca valia. Mandava-me ler em francês, que eu aprendera no colégio das freiras, mas pouco praticava. Recomendava-me trabalhar com afinco - logo ele, o preguiçoso que só escrevera um romance, o "Aves de Arribação", na verdade uma obra-prima. Vivia nos prometendo um romance novo, nos contava até trechos do enredo, mas, na verdade, se o iniciou, nunca o concluiu. Deveria chamar-se "A Estrada de Damasco".

Foi Antônio Sales que me pôs nas mãos o meu primeiro livro em inglês, "fácil, pra começar", uns contos de Conan Doyle. Lutei laboriosamente com Sherlock Holmes, entendendo menos da metade de cada página, agarrada ao dicionário, mas fui até ao fim. Sales recebia pelo correio as novidades da Penguin, aqueles livrinhos de bolso, brochados, capa verde; e com eles me viciei, depois que os consegui ler e entender. Foi também Sales quem me desenganou da poesia, sugerindo que me limitasse à prosa. Conselho que aceitei radicalmente, pois, de mim mesma, já chegara à conclusão de que a poesia não era o meu destino.

Mais tarde, no Rio, quando conheci meu primo e ainda hoje insubstituível amigo Pedro Nava, o que mais nos aproximou foi a evocação de Antônio Sales, seu tio (casado com uma irmã do Dr. José Nava, pai de Pedro). Nava, órfão desde menino, transferira ao tio escritor a sua devoção filial frustrada. Ao tio, Nava atribuía o seu interesse pela palavra escrita; das mãos do tio, durante as férias que vinha passar no Ceará, ganhava os livros que foram a sua iniciação na arte de escrever, o que, mais tarde, junto ao seu grande talento,

lhe permitiu, aos setenta anos de idade - começar a escrever a obra monumental contida nos seis volumes das suas memórias. Quando Sales morreu, Nava o chorou como um filho, pois filho seu se sentia. Perdoe-me a cadeira 32 e os seus eméritos ocupantes, se a abandonei, neste interlúdio. Mas aquele retrato na parede, me sorrindo de repente, na verdade me bateu no coração.

Voltemos pois à cadeira 32. Que tem como Patrono o Cônego Ulisses Pennafort, cearense radicado no Pará; o qual, além do sacerdócio, praticava as letras eruditas, entretendo-se a uma vocação peculiar: empenhou-se em recuperar, infundir vida à língua geral dos nossos índios, o tupi.

A propósito disso, ocorre-me uma nota curiosa: esta semana, num programa de televisão, apresentado como excentricidade do tipo "acredite se quiser", viu-se um professor que se dedicava ao ensino de uma língua morta: o tupi-guarani. Dá uma dor pensar nisso: língua morta, a dos nossos índios! Ó manes de Gonçalves Dias e José de Alencar! Verdade que, mesmo à época de ambos, a figura idealizada do índio já aparecia apenas como evocação literária; e, em vez de falarem um honesto tupi, Peri, Iracema e mais todo o elenco tribal, dialogavam em poético português, o mais puro vernáculo. A essa língua já morta (a gente poderia dizer "assassinada") pela bruta violência do colono foi que dedicou os seus estudos o meu já agora Patrono. Gostaria de lhe percorrer as obras, e talvez o consiga, seguindo as indicações que nos dá Moreira Campos, no seu discurso de posse nesta Casa.

Morreu o nosso Cônego de mal terrível, solitário e esquecido, num lazareto em Belém do Pará.

Através das turbulências que agitaram os primeiros anos da nossa Academia, das habituais querelas de literatos que marcam as tentativas de associações entre os da nossa grei, conseguiu contudo ela reorganizar-se por duas vezes; ambas sob o patrocínio de dois Presidentes do Estado, dados às letras: Justiniano de Serpa e José Carlos de Matos Peixoto. Então, a afilhada do nosso desditoso Cônego, a cadeira número 32, vê eleito para ocupá-la Benedito Augusto Carvalho dos Santos, ou antes, Beni Carvalho, como se assinava. Homem de letras primoroso, cultura literária peregrina, ensaísta e poeta. Parente afastado e grande amigo de minha família, ainda recordo as suas discussões, especialmente com minha mãe, sobre os méritos respectivos dos grandes russos: Tolstoi, Gorki, e o divino Dostoievski, aos quais ele contrapunha Flaubert e Zola; e o ponto de coincidência de todos era- claro - Eça de Queiroz. Falava-se só de livros, teatro e um pouco de política, naquelas visitas de Beni, em que ele se fazia acompanhar por Branca, a sua bela mulher, também intelectual, carioca, sobrinha do papa do positivismo brasileiro, Miguel Lemos.

Foi Beni Carvalho um dos primeiros leitores do meu "O Quinze", penosamente datilografado na minha maquininha Corona; ele que me animava a botar em livro aquelas páginas que a menina autora, timidamente, nem ousava chamar de romance. Até morrer, Beni foi meu amigo. E quando fui morar no Rio e logo depois ele também para lá seguiu como deputado, quase diariamente nos telefonávamos, para trocar notícias do Ceará, as novidades literárias e políticas.

Beni Carvalho, contam-nos os Anais da Casa, foi sucedido por José Valdo Ribeiro Ramos. E ele, José Valdo, também me remete às primícias de "O Quinze". Já conhecia eu o professor, através de sua irmã Joelina, minha colega de turma no Colégio da Imaculada Conceição. E fui revê-lo quando, financiada por meu pai, iniciei a publicação do livrinho na Tipografia Urania (a 2$500 reis por página), cujo dono era um homem alto e ruivo, a quem chamavam Camarão. Tive que ir fazer a revisão das provas (tarefa exclusiva do autor, nesses tempos). Sentava-me a uma mesa muito larga, destinada especialmente a esse trabalho. Ocupando o lugar fronteiro a mim, na mesa, sentava-se o professor José Valdo, revendo também as provas de um livro seu; bem posto, de terno e gravata, cabeleira alta, pincenê, fala pausada, grave e cortês.

Dias e dias ou, antes, tardes e tardes, passávamos nós ali, trabalhando defronte um do outro. E o professor me socorria sempre que eu me defrontava com alguma dificuldade gramatical ou ortográfica, mal aprendida que era eu em saberes filológicos e completamente jejuna em relação aos símbolos e siglas da arte de revisor. E daquele convívio de tantos dias, ficou-me do professor José Valdo a mais simpática e grata das recordações.

Quando novamente ficou vaga a cadeira 32, por morte de José Valdo, foi eleito seu sucessor José Maria Moreira Campos. Diante de tão perfeito mestre, jamais ousaria eu tentar um ensaio crítico a respeito de sua obra, tarefa que tão brilhantemente desempenhou outro mestre e querido amigo, o fino crítico, Braga Montenegro, ao recebê-lo nesta Academia.

Devo ter a humildade de confessar que a crítica literária é um nobre ofício que nunca tive veleidades nem capacidade de praticar. Se mal me arranjo com minhas historinhas de tamanho maior ou menor, ou em colaborações de jornal, como iria me aventurar em terreno para mim inacessível? E, logo, criticar uma obra que admiro e respeito profundamente – ah, não me atrevo. Moreira Campos já era uma unanimidade nacional nos meios literários, logo ao primeiro livro, consagrado pela alta qualidade do seu estilo, a originalidade de suas criações, a profundidade e agudeza dos estudos psicológicos, verbalizados nas cogitações dos personagens.

Sempre o aplaudi o melhor que pude, toda vez, em que apanhava para isso uma oportunidade. Mas nem tanto ou tão bem o louvei, quando desejaria fazer. É verdade que lhe fiz o prefácio de dois livros de contos, - mas a pedido expresso dele, sob a alegação brincalhona, que eu dizia cavilosa, de que "os escritores federais tinham que apoiar os colegas da província"...

Obedeci, disse como pude o que pensava dele e da sua obra - ele, insisto, o mais exímio usuário da nossa língua literária, no seu tempo.

Claro que o convite me orgulhava e eu me esforçava por dar conta do encargo, na medida das minhas forças. Claro também, me desfazendo em merecidíssima louvação que, assim mesmo, não traduzia direito toda a admiração que lhe tinha e tenho.

Agora ele também se foi e bem que nos tinha dado um aviso naquela festa de reinauguração do Teatro José de Alencar, quando desmaiou, entre os discursos, ao sol quente que banhava a praça.

Mas como Zé Maria sempre tinha sido considerado frágil, mal afeito a esforços físicos, e estando já a recuperar-se de uma anterior crise de saúde, acreditamos que o incômodo fôra passageiro, que se tratara de um simples começo de insolação.

E, aos poucos, naquela discrição tão sua, ele foi se despedindo, escrevendo cada vez melhor.

Hoje o que me dá mais remorso é não ter aproveitado a oportunidade de visitá-lo, nas minhas rápidas passagens por Fortaleza, naquela ânsia de correr para o sertão.

De repente, chega a notícia terrível: MORREU MOREIRA CAMPOS. Mas não quero falar nisso. Ainda quero crer que Zé Maria não morreu, está só encantado, fiada na garantia que nos deu Guimarães Rosa: certas pessoas muito especiais não morrem, se encantam apenas.

Moreira Campos está vivo, sua obra está mais viva do que a de muitos vivos, eternizada naquela prosa privilegiada que é só dele, de mais ninguém.

E tenho a certeza de que ele estará me dando licença, com um sorriso afetuoso, para que me sente na sua cadeira. A Trinta e Dois.